

CACHORRO SEM DONO

Para Cleô, um conto / capítulo que eu não conseguia contar.

Ana Maria de Almeida

Quando a gente deu conta, o cachorro já era de todo o mundo, e o mundo ficou batendo no coração de um cachorro que vadiava pelas ruas do bairro. E, só então, percebemos o mundêu de cachorro que variava à nossa volta, no miúdo dessa vida, feito armadilha pronta.

Mas, no princípio, tudo estava em ordem com essas pessoas com quem a gente lida no dia a dia. Até mesmo o açougueiro negou parecenças de gente ao cachorro. — «Luxo e besteira de gente sem ter o que fazer», ele dizia, pois nem de si mesmo sabia que tinha ainda um ar e aura de menino lendo, nas sombras de uma árvore, estórias de cachorro salvando gente, estórias de cachorro morrendo junto do dono... Tudo isso deve, então, ter começado e acontecido porque solidão sempre inventou magias de solidariedade.

Aquele cachorro cigano também não se dava conta de que deveria ter sido protetor de criança, de velho desamparado, de príncipes e princesas esmaecidos em velhos livros. Se desse, teria a consciência de que, apesar de bater, bamba, a patinha direita da frente — como mãozinha de criança aleijada — ele mantinha certo ar de dignidade alheada: o mundo era só dele, e, luzidio e gordo, aquele cachorro mapeava nosso cotidiano.

Começou, parece, quando a velhinha se assentou no meio da gente, com uns olhos assim meio desabados, sabe? Meio tris-

tes... Você sabe, assim como os seus ficam vagos, quando de repente dá no peito aquele estalar perplexo de dor-desamor. Entendeu? Assim como quando seus olhos estão límpidos e desarmados, navegando a luz úmida desse azul de abril a maio, e, não mais que muito de assalto, alguém coloca um muro no seu aberto espaço. Aí, baixa o cinzento de uma tristeza sem tamanho, e a gente só diz: — ah! Em surdina, porque a dor foi tão grande, tão grande, que nem arranjou brecha para explodir garganta afora, de fora à rua, da rua ao silêncio dessa grande solidão que se chama ou flama vida.

Tenho visto muito disso na raça nossa de Machados e Farias entristecidos para sempre. Desses tristes que dão para viúvos ou solteirões maníacos, mantendo emperdenida castidade, cabelos e barbas longas a ocultar a explosiva sensualidade reprimida. E as duras mulheres de sorrisos sempre prontos, mesmo na maior queda, dor ou espanto. Esses não só amam e morrem: apenas, e muito, explodem e ardem.

— Ah!...

Mas estou falando do encontro com dor igual, abjeta e sensual como beijo em ferida funda. A velhinha estendia a mão direita para a manicure e, com a esquerda, queria esconder envergonhada uma lágrima. Chorar para quê? A filha não tinha dito que todo o mundo ia rir-se dela porque sentia pena de cachorro sem dono? Ainda mais, especialmente de um certo cachorro sem dono?

Escute: aliás, ela era tão velhinha assim?! A gente tem mania de rotular tudo pela estampa. Assim, se vê cabelo branco, só pode concluir — «coitadinha, tão velhinha...» E vai ver é aquela explosão de que falo, de que sexo malfadado a estoque de rotinas familiares. Falando, todavia, com estrito cuidado e educação, não seria a velhinha — vai ver que é! — tal qual avenca brotando em muro arruinado, sempre renovada? A muda explosão do sêmen nas paredes rugosas de um túnel sem fim, ah!...

Do que a velhinha falava, a gente riu primeiro. Mania também de ficar rindo, antes de entender. Riso besta. Falava do cachorro, esse cachorro cigano que agora domina o bairo —

príncipe de quarteirão a aleijão, título garantido por dez atropelamentos e fraturas, peladas e feridas, comidas podres e pedradas.

Aquela lágrima, a patinha direita... Pisquei os olhos, e a luz me cegou: no lugar da velhinha, estava Cabelo-de-Neve e, em volta, todas nós, mulheres idas e vividas, falando de cachorros.

Cabelo-de-Neve chorava, já contei. Até esse momento, a gente ria por dentro e consolava por fora. Chorar por cachorros?! Mas a gente queria entender, era engraçado demais... Os olhos de Cecília cintilavam na pele muito morena, lembrando açucenas misturadas a violetas:

— A senhora chora à toa. Pensa bem: tem, por aí, mais menino abandonado do que cachorro!

Cabelo-de-Neve chorava e escondeu ainda mais os olhinhos vermelhos — quem mandou Cecília começar a falar de menino abandonado, catando saco de lixo e comendo comida podre? E alguém ainda completou: um dia me contaram, imaginem! — o caso de um homem pedindo «moço, me deixa fazer qualquer coisa nessa obra, até carregar entulho e lavar privada, porque já estou dando só água com açúcar pros meninos, porque não dá pra comprar leite, porque não dá pra nada, porque...» Ah! e você não pode fazer nada... Essa estória — de — não — poder não era para Cabelo-de-Neve entender.

Cabelo-de-Neve tinha saído cedo de casa. Foi quando viu o cachorro e logo deu conta de que ele tinha quebrado outra mãozinha. E, por mal de nossos muitos pecados, ficava lá, com aquele ar indiferente, caladão, com um profundo desprezo a tudo e a todos. Então, Cabelo-de-Neve correu para casa a fim de pegar uma latinha d'água e uma rodela de salame para ele. Correu como podia na sua idade, é claro. Porque a gente corre com o tempo da gente e como pode — e ninguém tem nada com isso. Quando Cabelo-de-Neve voltou, o cachorro tinha sumido.

Aí, quis me lembrar e falei: — e falei — mas aquele cachorro está tão gordo, tão lustroso! «É preciso ter dó?» Nas minhas andanças pelo bairro, de casa para o trabalho, do trabalho para a feira, da feira ao armazém, do armazém à padaria, da padaria aos livros, conheço muito bem meus companheiros: o

cachorro preto, lustroso de príncipe; o bêbado esmolambado, que fala sozinho e está sempre feliz; a mulher do bêbado que cheira à pinga e a fedor catiguento horrível de suor, mas que o bêbado abraça tão abraçado; os rostos quase falidos nas portas das lojas; as empregadas varrendo folhas eternas, com eternos lenços nas cabeças; as crianças matinais, carregando toneladas nas sacolas de escola, porque menino tem essa mania de carregar até atlas nas costas; os namorados do chevette verde, tão exaltados e iludidos que — sabe? — me lembram outros namorados noutra chevette verde e lá vai muito tempo. . . E estou perdendo o fio da meada, porque o que queria provar é que o cachorro estava muito gordo mesmo.

Primeiro, tinha pensado que Cabelo-de-Neve se referia aos dois cachorros que moram ora na porta da loja de pão-de-queijo, ora na entrada da faculdade. Não é meio engraçado? Cachorro tem cada lugar esquisito para arranjar comida! Aqueles dois, entretanto, são assim meio pardos, mais pra magros do que pra gordos, entende? E parece que estão sempre dormindo, naquele jeitão beatífico. O cachorro de Cabelo-de-Neve, mesmo estropiado, não perde aquela augusta postura, só dele.

Como você sabe, falei que ele estava gordo, luzidio. Achei até que todo o mundo dava comida para ele. Aí, já estava pensando no Lustroso-Príncipe de Cabelo-de-Neve, e toda aquela tristeza de pedra, entre muros, com Cecília-violeta penteando o branco daquela neve que escorria persistente. Não é que era inverno novo, e a gente estava sem nenhum agasalho, tremendo de frio na fundura do mundo? E Violeta-cecília insistindo na visão crua de nossa cegueira:

— A senhora não fica triste não, por favor. Ele come até variado! Está vendo? Todo mundo dá comida pra ele.

Cabelo-de-Neve nevou ainda mais. O variado de que, pergunto. Você entende? Nesse desvario, ai que frio! Que frio, ah! . . . Ela surdinou sobre as unhas pintadas de rosa novo:

— Mas ele não tem casa pra morar. . .

Por isso é que falei para você daquele ah! — que não passa da garganta. Fica explodindo por dentro sem porta de saída e, se pudesse sair, só mostraria a cicatriz e o estigma dos desalojados.

E do mesmo modo, nem riso passou mais pela garganta, feito granada por explodir, mina traiçoeira em coração inocente. No silêncio-prenúncio do abismo, ficamos a ouvir que Cabelo-de-Neve mora com a filha, que os netos mexem e remexem em tudo, que não deixam nada no lugar outrora de ficar. . . Cabelo-de-Neve não pode reclamar, por isso estende a mãozinha direita para a manicure. Mãozinha bamba de afagar e percorrer a vida. . . Por isso, ela sai para passar o tempo, que ela entende que está todo fora de lugar, e o Príncipe-Lustroso também. Ah, você entende. . .

Foi um silêncio assim desse jeito. . . Um silêncio de tristura e pedra. Depois, todas nós, mulheres de repente sem dono, começamos a lembrar casos de cachorro, na ânsia de estancar a neve e o frio daquele abandono. Nem queria lhe contar, mulher! Isso é o que se chama meter os pés pelas mãos, trocar patinhas aleijadas por mãozinhas desprovidas do prazer de servir, ou melhor, do servir do prazer. . .

Luzia, tricotando, teceu o suave triste episódio do cachorro de família que foi apanhado pela carrocinha. Tinha sido um deus-nos-acuda! A meninada toda chorando, e a mãe dizendo que era bobagem buscar, que o cachorro estava velho demais e precisava morrer. Morte e esquecimento nenhum relógio marca. Com o tempo, o povo se esqueceu do cachorro, da carrocinha, do sebo, da cobaia. Não é que um dia aquele cachorro decidiu que não ia virar sabão, nem muito menos ou mais cobaia de laboratório? Fugiu. Chegou de rabo entre as pernas, tremejando molhado e sujo. Tinha, porém, uma luz de vitória nos olhos remelentos.

Diabo de vida! Pensa bem: amor remelendo trotando na visão de amor sonhado, perdido na poeira. Onde o bicho? Onde o irmão? Só sei que o cachorro chegou na via de seu caminho. . .

Nessa hora da estória contada, um cisco entrou nos olhos da gente. Ventava muito, e não era agosto. Alguém lembrou que agosto é mês de desgosto: desastre, vento e cachorro louco. Que lembrança mais boba, heim? A gente mulher ficou tudo de repente querendo chorar demais no peito de Cabelo-de-Neve. . .

Quis ir em socorro: com essa mania de querer consolar contando casos-conheço-coisa-pior. . . Pior!

— Tem coisa mais triste, gente! Escute!

Pensei ser socorro contando que nossa cachorrinha teve de ser morta porque estava com câncer e com dezessete anos. Idade demais pra cachorro! Mas esbarrei em tempo me doendo toda: aquilo fora no janeiro do chevette verde, e minha mãe morreu no julho do mesmo ano. . . De repente, o mundo ficou sem amarras, sem porto, sem nada, sabe? O dilúvio, o tufão, o terremoto, a tempestade. . . Só restou uma sirena que uiva não sei por que espasmo, por que agonia.

E comecei a nevar também; nevava tanto que a gente não se via mais no espelho. Lãs, cabelos, pêlos, pele teciam nosso chão, no mofo macio da água-lágrima. Nevava tanto que a gente não se podia mais ver no espelho que se derretia. Nem Luzia-penélope conseguia continuar seu eterno tecido: não havia navio/mar maior ou pior dilúvio pra tanta mágoa.

Onde encontrar socorro? Quase só sobrando, Cecília-violeta se lembrou do Totó, que comeu vidro moído. Mosaico alucinado dado de maldade pura, pois Totó não entendia de cores ou dores. Fizera mal algum?!

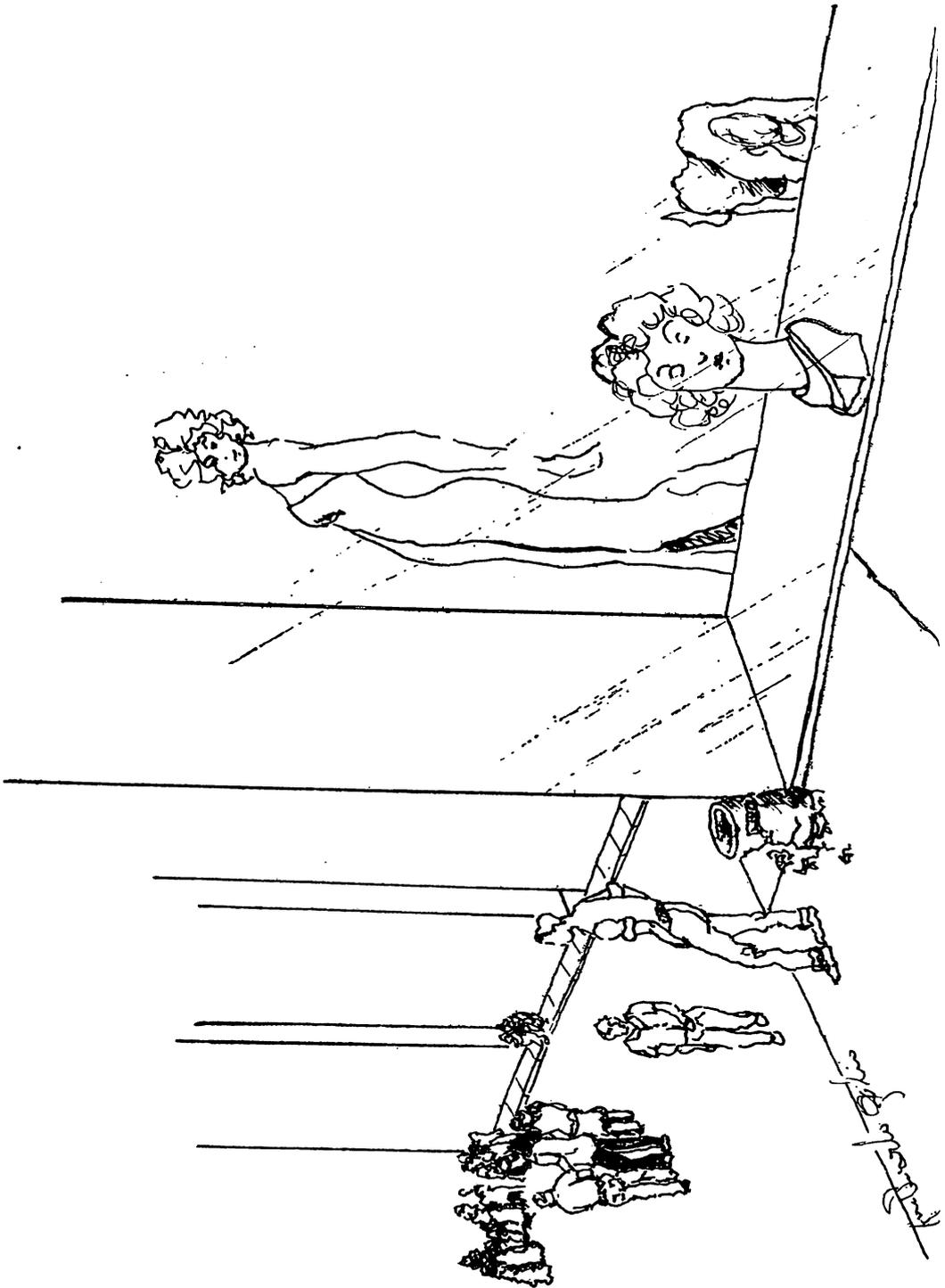
Os olhos de Cabelo-de-Neve nevoaram mais nosso mundo, nosso salão de unhas róseas, de cabeleiras louras, pretas e castanhas. Bonecas de papel desfaziam-se na água, até quando Cecília-Violeta encontrou o porto de salvação:

— Mas meu marido curou ele, dando leite e pão todo dia.

Suspiro de alívio. Um leve vento nas faces coloridas, nos cabelos ondulados. . . Até que Cabelo-de-Neve falou de novo. Não há paz nem consolo pros deserdados?! Ela gostaria de levar Príncipe-Lustroso para casa e ela-viúva não tinha casa. . . Viu? Ah! . . .

Não quero mais falar de cachorro, mas, desde aquele dia todo cachorro sem dono veio morar neste bairro. Uma cachorrada e todos nós. . . Você pode encontrá-los, por aí, de todo tamanho, cor e idade. Hoje mesmo, subindo o morro, vi mais um, branco-e-preto, que me olhou com ar de quem pergunta por que tem de esperar meninos e velhas sujas acabarem de remexer sacos plásticos de inutilidades que a gente bota para fora.

E, depois, ouvi a italiana do homem do Fiat engrolando com o açougueiro:



— Trazer água para ele e ele fugir!

— É, dona... Aquele cachorro é muito mal agradecido. A gente dá comida de graça, e ele some.

Por isso, esse bairro está agora infestado de cachorro viralata. Tenho até inveja da liberdade de Príncipe-Lustroso, cada vez mais capenga e gordo, vagamundeando vida afora. E vai fugindo dessa chuva.

Essa chuva que dilui tudo e até arrancou os números do meu relógio de parede, deixando no lugar doze letras onde você pode ler esse nó-na-garganta.